

## Orquestra Amigos Violeiros de São Carlos-SP:

### Memória e Ensino da viola caipira

*Renato Cardinali Pedro*

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS  
rcardinalpedro@gmail.com

**Resumo:** O presente texto trata do ensino e aprendizagem da viola caipira na Orquestra de Viola Amigos Violeiros sediada em São Carlos-SP. O artigo propõem-se a discorrer sobre como e porque os/as integrantes se interessam pela viola caipira e a orquestra e como ocorre os processos de ensino e aprendizagem musical no interior do grupo. A metodologia utilizada foi: levantamento bibliográfico sobre o tema viola caipira e orquestras de viola caipira; Levantamento de informações sobre a orquestra são carlense; entrevistas com os integrantes do grupo e o regente, observações participantes dos ensaios e apresentações da Orquestra. Os resultados apresentam com ocorre a identificação dos integrantes com a orquestra e a música sertaneja, associados as suas memórias individuais e coletivas, e ainda a passagem do ensino informal para o não formal da viola caipira no contexto da orquestra.

**Palavras chave:** viola caipira; orquestra de viola caipira; educação musical.

### Introdução

As orquestras de viola caipira são agrupamentos musicais, formados nas últimas décadas dedicados à prática da viola caipira. Esses agrupamentos reúnem em seu interior características distintas quanto à origem socioeconômica, nível de escolaridade, faixa etária e de gênero. Sendo também espaços de educação musical e interação social entre seus participantes, mobilizando aspectos da memória da cultura caipira e da música sertaneja.

O primeiro levantamento quantitativo das orquestras de viola caipira no Brasil foi realizado por Dias (2010) que localizou noventa e quatro (94) grupos. Durante a nossa pesquisa, verificamos e atualizamos esses dados e identificamos aproximadamente<sup>1</sup> cento e vinte e duas (122) orquestras de viola caipira espelhadas principalmente na região centro-

---

<sup>1</sup> Esse valor é aproximado já que não podemos afirmar que só existam esses grupos em atuação no momento..

sul<sup>2</sup> (PEDRO, 2013). O crescimento recente de atividades culturais em torno da viola caipira e o aumento dessas formações musicais refletem, provavelmente, a valorização recente desse instrumento que historicamente foi associado a práticas musicais tradicionais no Brasil.

As orquestras, em sua maioria, praticam o repertório da música sertaneja. Dentre suas atividades, destacam-se o ensino da viola caipira realizado por professores violeiros por meio de cursos de curta ou média duração, utilizando-se da metodologia do ensino coletivo. A prática coletiva e a quantidade de alunos em torno desses professores podem ser consideradas elementos facilitadores para a formação das orquestras de viola (DIAS, 2010). Grande parte das orquestras se identificam pelo nome de suas cidades, sendo que algumas recebem apoio municipal como local de ensaio, alimentação, salário para o regentes e/ou integrantes, uniformes e outros benefícios. Identificamos que alguns governos municipais justificam o investimento nas orquestras de viola, pois elas valorizam, representam e auxiliam na manutenção da cultura caipira no município e na região.

## ORQUESTRA AMIGOS VIOLEIROS E INTEGRANTES

A formação da *Orquestra de Viola Amigos Violeiros de São Carlos (OAVSC)*<sup>3</sup> nosso objeto de estudo, seguiu a mesma trajetória de outras orquestras de viola do estado de São Paulo. O grupo teve origem no ano de 2003, a partir de cursos periódicos de iniciação à viola caipira, oferecidos pelo músico Antônio Carlos Dovigo, conhecido com Kaia. Além de músico, é professor de matemática na rede estadual de ensino de São Paulo, na cidade de São Carlos. O grupo é composto, em média, por trinta (30) pessoas, a maioria do sexo masculino com uma ampla variedade etária, de níveis de escolaridade, socioeconômicos e de conhecimentos musicais.

A formação instrumental do grupo é de violas caipiras, separadas em solistas e acompanhamento harmônico, dois violões, um contrabaixo elétrico, percussão e cantores. O grupo pratica o repertório sertanejo e se apresenta na cidade de São Carlos e região

2 O Centro-sul do Brasil corresponde às regiões sul, sudeste e centro-oeste.

3 Quando nos referirmos a Orquestra de Viola Amigos Violeiros de São Carlos, utilizaremos o termo "Orquestra" com letra maiúscula em itálico ou a abreviação "OAVSC".

atendendo a convites de secretarias municipais de cultura, igrejas, entidades não governamentais, instituições privadas, sindicatos, entre outros.

Para identificar quem são os integrantes da OAVSC, foram realizadas vinte e seis entrevistas (26) com os integrantes e uma com o regente do grupo. A intenção foi identificar como os participantes, ao relatarem sobre suas vidas e participação no grupo, atribuem significados à prática musical da OAVSC. Das vinte e seis (26) entrevistas realizadas, sendo dezoito (18) entrevistas completas, oito (8) entrevistados que responderam somente a primeira parte referente aos dados sociais<sup>4</sup>, além da entrevista com o regente do grupo. Destacamos que os roteiros de entrevistas dos integrantes e o regente são diferentes, pois ao entrevistar o regente, nossa intenção foi compreender a sua formação musical e a formação da OAVSC. Já a entrevista com os integrantes teve a intenção de compreender aspectos relativos às condições socioeconômicas, como iniciaram seus estudos de instrumento, suas relações com a viola caipira, a música sertaneja e *Orquestra*. Apresentaremos no decorrer do texto trechos significativos retirados das entrevistas.

Sobre a origem dos integrantes entrevistados, treze (13) nasceram na zona rural e treze (13) na zona urbana. A maior parte dos integrantes nascidos na zona rural possui idade superior a cinquenta (50) anos e mudou-se para a cidade antes dos vinte anos (20) de idade. Segundo seus depoimentos, esta mudança ocorreu em função da busca por melhores condições de trabalho e estudo deles ou de familiares:

G - Aconteceu que eu trabalhava na roça e a roça não rendia muito, porque meu pai era empregado da fazenda. Então, não tinha serviço para o pessoal. Aí o pessoal já ia tendo uma idade e vinha embora, uns foram para São Paulo... Pra trabalhar nas fábricas e estuda.

Os entrevistados nascidos na zona urbana declararam que sua relação com o mundo rural, ocorreu através de familiares nascidos na zona rural que mudaram-se para a cidade onde constituíram família, relações sociais e nasceram seus filhos(as) (integrantes da

---

<sup>4</sup> Alguns integrantes não quiseram participar das entrevistas. Outros se propuseram apenas a responder a primeira parte do roteiro da entrevista referente aos dados sócio econômicos, alegando diversos motivos, falta de tempo, a exposição de sua vida pessoal, entre outros. Por este motivo as entrevistas foram realizadas desta maneira.

*Orquestra*). Contudo, mantiveram alguma relação com o mundo rural, através de visitas periódicas, mas principalmente relatando histórias destes locais para seus filhos (as) e netos (as), como nos contou:

M.M. – Meus avós moravam em fazenda, minha mãe, tias e tios foram criados neste meio. Mesmo depois eles vindo pra cidade a gente escutava histórias da fazenda... Eles vieram pra cidade, mas... tão com a cabeça de roça, de sertanejo.

Outro entrevistado disse que além desta relação familiar, seu contato com o mundo rural ocorreu, através de visitas periódicas à pequena propriedade rural de seus familiares. “G.O. - Minha mãe e meu pai viveram a vida inteira na roça, vieram para cidade. [...] meu padraсто ele tinha umas terras arrendadas, então tinha o contato por frequentar, ajudava a plantar, colher...”. Essas experiências, tanto de convivências como de relatos sobre o meio rural, geraram nos integrantes da OAVSC a formação de memórias individuais e coletivas. Lembrando que a memória individual é formada dentro de um grupo com outros indivíduos, ou seja, é uma memória construída socialmente (HALBWACHS, 2006).

## **INTEGRANTES E A MÚSICA SERTANEJA**

Os entrevistados foram unânimes ao declararem que o primeiro contato com a música sertaneja foi na infância, através de familiares próximos. Esse contato, segundo seus depoimentos, ocorreu de diferentes formas; através do rádio, televisão, discos (LP's) ou com familiares que tocavam esse repertório.

Rr - Eu cresci ouvindo música sertaneja através do meu pai, ele sempre gostou de música sertaneja. Dos três irmãos é o único que não sabe tocar instrumento... Os outros cantam, tocam. Então eu cresci no meio deles ouvindo... música sertaneja.

A - Nos meus cinco seis anos. Começou o programa “Viola Minha Viola”, eu assistia com meu pai na TV preto e branco, lá... na fazenda que a gente morava. Então, este contato veio assistindo... Tinha bastante gente que tocava, tinha aqueles bailes de tua e foi ali meu primeiro contato.

De acordo com esses relatos, identificamos que além das memórias associadas ao meio rural, o gosto pela música sertaneja se forma nos integrantes dentro do âmbito familiar e também a partir de contatos com os meios de comunicação. Segundo Halbwachs (2006), o grupo familiar é o primeiro local onde se constroem as memórias do indivíduo. O autor ainda complementa que as pessoas pertencentes a um mesmo grupo tendem a ter pensamentos comuns, neste caso, o gosto pela música sertaneja de raiz<sup>5</sup>. Outro aspecto interessante no depoimento dos integrantes está associado ao contato com esse segmento musical através dos meios de comunicação:

C - No sítio ouvia com o meu tio, Ele tinha a sonata [vitrola] dele de madeira, na época ele tinha um discão do Tião Carreiro, tinha Vieira e Vierinha, Lourenço e Lourival.

S - Eu nasci no sítio, e o engraçado que não tinha força, não tinha rádio, não tinha nada. [O] Vizinho de uma fazenda pra baixo, eles tinham... Chamava vitrola, era de corda. Então todo fim de semana a gente ia na casa desse senhor. Tinha bastante grama e aos domingos à tarde, todo mundo sentado debaixo das árvores, ele colocava a vitrola pro lado de fora e tocava o disco. Não precisava de força era na corda.

Além do contato com a música sertaneja na infância, transmitida através dos pais e familiares, a partir dos meios de comunicação, a indústria cultural também contribuiu para a formação da memória social em torno da música sertaneja raiz associada ao universo caipira.

Assim, as imagens evocadas por esse gênero musical remetem os participantes ao universo rural e conseqüentemente à cultura caipira. Vale destacar, que a cultura caipira à qual se referem os participantes, não é a mesma cultura caipira do passado. Halbwachs (2006) escreve que a memória é compartilhada entre pessoas e grupos em dois momentos, quando o acontecem e quando são recordadas. Ao evocarem lembranças do passado, guardadas em suas memórias, trazendo-as para o momento presente, esse passado é

---

<sup>5</sup> A partir das colocações feitas por Martins (2004) sobre estes dois universos musicais, e analisando o repertório da Orquestra Amigos Violeiros de São Carlos, identificamos que o trabalho musical do grupo está associado diretamente ao segmento fonográfico sertanejo de diferentes períodos, intérpretes e sonoridades. Conscientes de que não existe, até o momento, um consenso entre os diversos autores pesquisados sobre qual termo é mais apropriado, optamos, nesta pesquisa, utilizar o termo Música Sertaneja Raiz. (PEDRO, 2013).

rememorado e ressignificado no presente. Estas memórias ao serem rememoradas não teriam os mesmos sentidos que tiveram no passado, mas adquirem outros significados, associados ao momento presente e ao grupo ou situação que disparou essas recordações (*Ibid* 2006). Diante disso, a maneira como os integrantes da compreendem a cultura caipira no presente, se aproxima de suas experiências diretas e indiretas com meio rural. O que gera neles, um processo de identificação associado à música sertaneja raiz e suas memórias individuais, que ressignificam a identificação dos integrantes com a música sertaneja de raiz.

V - [As letras] Estão representando o que a gente vivia. Antigamente a música falava o que você sentia na roça ou aonde fosse. Dizem muitas verdades. O cara canta uma música, ele fala da vida de uma pessoa, da vida dele... Tem a ver comigo também.

V. I. - [Música sertaneja] Fala de onde a gente morava, da família da gente, como a gente viveu, às vezes faz a gente retornar ao passado

José Maurício Domingues (1999) argumenta que a construção das identidades coletivas atravessa processos de "identificação" que se entrelaçam por processos interativos. No caso do contexto que pesquisamos os processos de interação ocorrem entre a música sertaneja de raiz, as memórias transmitidas (narradas) pelos parentes e familiares dos integrantes e suas memórias individuais construídas coletivamente a partir de seus grupos de referência. A construção destas identidades gera principalmente pertencimento a cultura caipira e é esse um dos sentimentos que irá levar os integrantes a se interessarem pela *Orquestra Amigos Violeiros de São Carlos*.

## ENSINO E APRENDIZAGEM DA VIOLA CAIPIRA

Ao se sentirem pertencentes à cultura caipira, através das memórias individuais e coletivas, os integrantes se interessaram em aprender viola caipira e procuraram a *Orquestra*. Alguns declararam que desejavam tocar viola desde a infância, mas não tiveram oportunidade anteriormente. "A: Essa paixão ela é antiga, quando eu era pequeno eu não tive essa oportunidade que tô tendo agora".

Ao serem questionados em que momento aprenderam a tocar viola, quinze (15) integrantes, dos dezoito (18) entrevistados, declararam terem aprendido através do curso “Noções Básicas de Viola Caipira”, oferecido pelo regente. Um integrante entrevistado comentou ter aprendido com o próprio regente durante o curso oferecido no SESC São Carlos (2003). Outro declarou ter alguma noção prévia, pois ouvia seu avô tocar, mas foi através do curso que se aperfeiçoou. Um terceiro afirmou ser autodidata e aprendeu vendo outras pessoas tocarem.

Mm - Eu arranhava tinha uma noção sabia o que era. Ouvia meu finado vô tocando, sabia alguns acordes na viola... Com o [regente]. tá vindo um pouco mais de aperfeiçoamento... De conhecimento na verdade!

VI - A gente via o pessoal tocando, a gente observava e... A gente pega... [...] Há uns quinze, vinte anos atrás você não achava isso não, era difícil! Então você tinha que reina por si! Você tinha que desmontar, descobrir como era.

Os outros entrevistados declararam não possuir nenhum conhecimento prévio sobre viola caipira e teoria musical antes de iniciar o curso no sindicato: um dos integrantes relata o seguinte, “C - Eu não sabia nem que “A” era “lá”; Outros nos relataram que tocavam violão anteriormente e passaram para a viola:

L - Viola eu nunca tinha tido contato, eu tive contato com o violão que aprendi sozinho, meio autodidata! A vontade de tocar viola era tanta que eu fazia no violão, porque a viola não tinha dinheiro para comprar! Mas a minha vontade era a viola! Eu escutava viola e tirava no violão.

Ao relatarem os motivos pelos quais escolheram a viola caipira como seu instrumento musical, os integrantes associaram novamente suas escolhas à influência familiar. Consideramos essa influência também associada à memória individual dos violeiros.

A - Depois que eu comecei a aprender viola, meu pai começou a falar sobre [meu avô], que ele era catireiro e violeiro daquelas violas de tarraxa ainda. Acho que isso tá no DNA essa paixão pela viola! Então eu tava sempre cantando, murmurando no trabalho... Acho que isso já tá aí mesmo! Esse jeitão de caboclo!

M.M. - Como já convivi neste meio, em casa sempre teve esse incentivo, tinha o vô, os tios que sempre gostavam de tocar. Eu acabei escolhendo por causa disso. Porque desde criança tinha aquele gosto, aquela vontade de aprender viola...

Sobre o significado atribuído pelos violeiros ao ato de tocar viola caipira, os entrevistados relataram que é a realização de um sonho, a abertura de novas possibilidades de viagem, de conhecer e conviver com outras pessoas. Porém, o que nos chamou a atenção foi o fato de que diferentes entrevistados declaram que tocar viola funcionaria como terapia:

M.M. - Pra mim além de ser um instrumento musical, a viola é uma terapia. [...] é um momento de lazer um momento que você relaxa. Acho que ela não é só um instrumento musical, ela é um relaxamento, é um prazer. Uma hora que você desestressa, não é só um instrumento é uma companheira!

L - É uma terapia mito boa. Você consegue ver aquilo que você ouvia no passado, algumas coisas não tudo, mas de você conseguir fazer o que você ouvia quando era criança. Então a emoção vem a tona... É emocionante relembrar o passado nas cordas da viola.

Os relatos dos integrantes condizem com uma das definições do regente sobre o trabalho da *Orquestra*.

K. - Além da música, o que pesa mais para mim, é fazer com que eles se agrupem, convivam bem, a música como terapia, como um instrumento... Multiplicadores de cultura.... Tento passar isso para eles, espírito de equipe, terapia e depois entra a parte musical. Manter a cultura... É assim que eu vejo a *Orquestra*.

Este caráter terapêutico do ato de tocar viola caipira pode ser associado, segundo Leal (2011, p. 352), às lembranças que recriamos no presente. Ao fazerem isso, os entrevistados fugiram do instante sofrido, assustador e insuportável para se aconchegarem em imagens dos tempos de alegria e bem estar. É o momento em que lembranças e histórias podem se tornar também curadoras.

A partir destes depoimentos, podemos observar, nos relatos do regente e dos integrantes entrevistados, que a formação da *Orquestra Amigos Violeiros de São Carlos*

passa por aspectos da evocação da memória dos integrantes. Além disso, passa também pela formação educacional musical dos integrantes. Desta forma, o trabalho da OAVSC está intimamente associada ao ensino e aprendizagem da viola caipira na atualidade na cidade de São Carlos. Porém, esse ensino possui características específicas.

O processo de ensino e aprendizagem realizado através do curso de *Noções Básicas de Viola Caipira*, oferecido pelo regente, segue a metodologia de aulas coletivas, onde o regente utiliza o método de ensino das cifras musicais, leitura de tablatura, e organogramas dos movimentos rítmicos da mão direita<sup>6</sup>. Os integrantes como apresentamos anteriormente, possuem vasto conhecimento do repertório tocado pela *Orquestra*, devido ao contato com estas músicas em outros momentos e situações de sua vida. Observamos que este conhecimento prévio do repertório facilita os processos individuais de ensino e aprendizagem do instrumento.

Assim, a educação musical na OAVSC não ocorre nos mesmos moldes da educação musical realizada em escolas regulares, caracterizada como educação formal, dotada de intencionalidade, sistematização e formalização (WILLE, 2005 *apud* LÍBANO 2000). Identificamos, então, que o processo de ensino e aprendizado no interior da orquestra se caracterizaria como sendo não-formal compreendido por possuir intencionalidade, mas ser pouco estruturado, sistematizado e não formalizado (WILLE, 2005).

Outra forma de aprendizagem musical observada durante os ensaios ocorre entre os participantes. Ao tocarem, se olham e identificam movimentos e posições dos parceiros e/ou do regente e assimilam estes movimentos e posições à sua execução. A prática da observação e imitação de movimentos é uma das características da educação informal. Caracterizada como um processo educativo não intencional (WILLE, 2005 *apud* LÍBANO 2000) quando não há a intencionalidade do ensino.

Observamos dentro da prática educacional da *Orquestra* (também, de forma geral, no ensino de viola caipira na atualidade), a passagem do ensino informal, outrora pertencente à viola caipira quando nas mãos dos violeiros tradicionais imersos no mundo da oralidade, para uma prática com intencionalidade e certa sistematização, porém, não ainda

---

<sup>6</sup> No caso de instrumentistas destros.

em processo de formalização, Com isso, identificamos a passagem na atualidade da educação informal da viola caipira para a educação não formal como acontece na *Orquestra* e formal como nos cursos de bacharelado em viola caipira.

## Referências

DIAS, Saulo S. A. - **O processo de escolarização da viola caipira: novos violeiros (in)ventano moda e identidades**. Tese (Doutorado em Educação) – PPG em Educação. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2010.

DOMINGUES, José Maurício. Sociologia da cultura, memória e criatividade social. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 2, 1999.

Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0011-52581999000200004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581999000200004&lng=pt&nrm=iso)> acessos em 20 jul. 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. São Paulo: Centauro. 2006

LEAL, Alessandra. **Cultura e Memória**: percepções das lembranças re-existent no tempo. *Geo UERJ* - Ano 13, nº. 22, v. 2, 2º semestre de 2011 p. 350-361

Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj>> acesso 30/10/2012.

LIBÂNEO, José Carlos. Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. 14. ed. São Paulo: Loyola, 1996 *apud* WILLE, Regiane B. Educação formal, não formal ou informal: um estudo sobre processos de ensino e aprendizagem musical de adolescentes. **Revista da Abem**, n. 13, set. 2005, p. 39-48

MARTINS, José de Souza. A dupla linguagem na cultura caipira. In: PAIS, José Machado(dir.); CABRAL, Carla(coord.). **Sonoridades Luso-Afro-Brasileiras**. Edição: Imprensa de Ciências Sórias, Instituto de Ciências Sórias da Universidade de Lisboa. Lisboa, 2004. p.189-226

PEDRO, Renato Cardinali. **Uma Orquestra de Viola do Município de São Carlos**. Dissertação (Mestrado em Música) – PPG em Música. Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, 2013.

WILLE, Regiane B. Educação formal, não formal ou informal: um estudo sobre processos de ensino e aprendizagem musical de adolescentes. **Revista da Abem**, n. 13, set. 2005, p. 39-48